

Quase um texto
Mirtes Marins de Oliveira

(publicado em <http://umtrabalhoumtexto.tumblr.com>)

Marília Furman escolheu para divulgação de nosso *um trabalho / um texto*, uma imagem do artista alemão Willy Stöwer (1864-1931): uma gravura representando o naufrágio do Titanic, realizada quase imediatamente no mesmo ano da tragédia, 1912. Publicada inúmeras vezes contribuiu para o imaginário sobre o acontecimento.

Furman explica que de forma deliberada procurou pela imagem do navio como

metáfora de uma economia agigantada, ostentando otimismo e progresso, e em colapso por isso. (...) ela contém a ideia de uma sociedade em naufrágio e um salve-se quem puder com corte de classe. Neste trabalho, Gigante, como em muitos outros, tento corporificar uma ideia de colapso, mas contraditoriamente programado. Ou melhor, não contraditoriamente, mas talvez tentar deixar óbvio que certas ações de acúmulo e violência só podem levar à destruição. Mais ou menos como se acumular água no MDF que está sob o vidro, ou acumular calor em uma chapa de vidro sob pressão fosse um equivalente à ostentação tecnológica que ocasiona numa tragédia pelo otimismo no progresso.

Penso em duas situações, de maneira imediata:

A primeira, inevitável e prevista por M.F.: os filmes sobre Titanic. Como desdobramento, a transformação da catástrofe em imagem sedutora que a indústria do cinema de Hollywood tem apresentado. Previsível, essa operação já havia sido comentada em texto de W. Benjamin, *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, de 1936. Buscando apontar qualidades positivas na produção cinematográfica, passa antes pela crítica ao fenômeno hollywoodiano e sua *liquidação do valor tradicional do patrimônio da cultura*. Cita Abel Gance, o diretor francês do cinema mudo, autor de filmes históricos: *Shakespeare, Rembrandt, Beethoven, farão cinema... Todas as lendas, todas as mitologias e todos os mitos todos os fundadores de novas religiões, sim, todas as religiões... aguardam sua ressurreição luminosa, e os heróis se acotovelam às nossas portas*. Conclui Benjamin: *ele nos convida, sem o saber talvez, para essa grande liquidação*.

A segunda, um texto coincidentemente relido na preparação de *um trabalho / um texto*, que também trata sobre catástrofes anunciadas. Cito o trecho de análise do mito de Odisseu, por Adorno e Horkheimer¹. Excerto tão famoso quanto o naufrágio do Titanic sobre a estratégia de escape das Sereias, na qual Odisseu pede aos seus marujos que tapem seus próprios ouvidos com cera, enquanto ele,

¹ Adorno, T. & Horkheimer, M. "O conceito de Esclarecimento" in *Dialética do Esclarecimento*.

com ouvidos livres, deve ser amarrado ao mastro, mesmo que peça para ser liberado.

Ele conhece apenas duas possibilidades de escapar. Uma é a que ele prescreve aos companheiros. Ele tapa seus ouvidos com cera e obriga-os a remar com todas as forças de seus músculos. Quem quiser vencer a provação não deve prestar ouvidos ao chamado sedutor do irrecuperável e só o conseguirá se conseguir não ouvi-lo. Disso a civilização sempre cuidou. (...) A outra possibilidade é a escolhida pelo próprio Ulisses, o senhor de terras que faz os outros trabalharem para ele. Ele escuta, mas amarrado impotente ao mastro, e quanto maior se torna a sedução, tanto mais fortemente ele se deixa atar, (...). O que ele escuta não tem consequências para ele, a única coisa que consegue fazer é acenar com a cabeça para que o desatem; mas é tarde demais, os companheiros – que nada escutam – só sabem do perigo da canção, não de sua beleza – e o deixam no mastro para salvar a ele e a si mesmos. Eles reproduzem a vida do opressor juntamente com a própria vida, e aquele não consegue mais escapar a seu papel social. Os laços com que irrevogavelmente se atou à práxis mantêm ao mesmo tempo as Sereias afastadas da práxis: sua sedução transforma-se, neutralizada num mero objeto da contemplação, em arte. Amarrado, Ulisses assiste a um concerto, a escutar imóvel como os futuros frequentadores de concertos, e seu brado de libertação cheio de entusiasmo já ecoa como um aplauso. Assim a fruição artística e o trabalho manual já se separam na despedida do mundo pré-histórico. A epopeia já contém a teoria correta. O patrimônio cultural está em exata correlação com o trabalho comandado, e ambos se baseiam na inescapável compulsão à dominação social da natureza.

Assim, apropriação, contemplação, alienação e destruição se fundem na elaboração de alegorias, desde quando os mitos esclareciam o mundo.

.....

Gigante é uma espécie de cinema ao vivo. Ao acompanhar o processo tenso que alimenta os materiais com água, ao espectador cabe uma reflexão sobre sua própria impotência enquanto as matérias que constituem a obra se expandem e, ao mesmo tempo, iniciam um processo de destruição.

No processo, a participação pública, assim como nas imagens consumidas do Titanic, é absolutamente necessária. Nessa lógica estabelecida, há ou não saída?